

DOSSIÊ

Análise Qualitativa/CIAIQ 2017

Proponentes

Susana Oliveira e Sá
Ana Isabel Rodrigues
Jaime Ribeiro

Este dossiê possui uma seleção de sete artigos do 6º Congresso Ibero-Americano em Análise Qualitativa/CIAIQ, que se realizou na cidade de Salamanca entre os dias 12 e 14 de julho de 2017. A investigação qualitativa assume cada vez mais terreno e individualidade na investigação em geral na Educação (AMADO, 2014) e em particular na investigação em Engenharia e Tecnologia. Com os desafios que são colocados, nos dias de hoje, à Engenharia e Tecnologia, os investigadores procuram ainda mais recursos a metodologias quer quantitativas, quer mistas ou somente qualitativas para recolher e tratar os seus dados. Por outro lado, a própria transversalidade característica da investigação ligada à Educação, permite-nos usar em qualquer área do saber que nos permite recorrer à investigação qualitativa sem obstáculos de ordem epistemológica, no que diz respeito ao acesso e compreensão do fenómeno educativo, ultrapassando hoje a discussão clássica entre o qualitativo e o quantitativo, entre o sujeito e o objeto (SÁ & COSTA, 2017).

- **LA MUESTRA CUALITATIVA EN LA PRÁCTICA: UNA PROPUESTA**

Luis Mena Martinez

- **CARACTERÍSTICAS DE LA MOTIVACIÓN EN EL USO REDES SOCIALES VIRTUALES, A PARTIR DE LA METÁFORA DE LA SINAPSIS CEREBRAL Y SOCIAL**

Luis Eduardo Ruano Ibarra
Jairo Alberto Maca Salazar

- **QUANDO OS JORNALISTAS SE TRANSFORMAM EM FONTE DE PESQUISAS QUALITATIVAS**

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer
Simone Antoniaci Tuzzo

- **TECNOLOGIAS DIGITAIS DE ACESSO À LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Andrea Karla Ferreira Nunes
Vinicius Silva Santos
Jacques Fernandes Santos

- **EXAMES DEFINITIVOS DE DROGAS PELA POLÍCIA TÉCNICO-CIENTÍFICA DO ESTADO DE GOIÁS (BRASIL): IMPACTOS E REPERCUSSÕES NOS STAKEHOLDERS**

César Augustus Adorno Ferreira Lima
Serigne Ababacar Cissé Ba
Paulo Alexandre de Castro

- **FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES: INTERAÇÕES ATRAVÉS DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA ONLINE**

Anna Cecília Sobral Bezerra
Francislê Neri de Souza

- **NARRAR-SE E CONSTITUIR-SE PROFESSORA: UMA EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Gleice Paixão
Fabrícia Borges
Lídia Rios

Autoras | Authors**ANA CAROLINA R. PESSÔA TEMER***
anacarolina.temer@gmail.com**SIMONE ANTONIACI TUZZO****
simonetuzzo@hotmail.com**QUANDO OS JORNALISTAS SE TRANSFORMAM EM FONTE
DE PESQUISAS QUALITATIVAS****WHEN JOURNALISTS BECOME A SOURCE OF QUALITATIVE
RESEARCH**

Resumo: Este trabalho privilegia o olhar crítico sobre uma inversão do papel dos jornalistas, analisando esses profissionais como fonte de informação para pesquisas qualitativas, e não somente como transmissores de notícias. O objetivo principal é compreender que, em muitos momentos, as fontes documentais podem ser destruídas ou estarem inacessíveis, e a memória dos jornalistas se apresenta como fonte de informação daqueles que estiveram presentes ou que foram entrevistados em ações e acontecimentos, ou ainda daqueles que participaram de forma ativa de narrativas sociais. Além disso, os jornalistas não são fontes comuns, mas pessoas especializadas acostumadas a narrativas e que podem expressar com linguagem diferenciada os dados de uma investigação. O trabalho também apresenta uma reflexão sobre a entrevista como método qualitativo de pesquisa científica.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Análise Crítica de Discurso, Jornalismo, Entrevista

Abstract: *This work privileges the critical view on the inversion of journalists' roles, analyzing these professionals as a source of information for qualitative researches, and not only as news transmitters. The main objective is to understand that documentary sources can be destroyed or become inaccessible and that the memory of journalists presents itself as a source of information of those who were interviewed, or of those who participated actively in events and social narratives. In addition, journalists are not ordinary sources, but specialized people accustomed to narratives and people who can express with differentiated language the data of an investigation. The paper also presents a reflection about the interview as a qualitative method of scientific research.*

Keywords: *Qualitative research, Critical Discourse Analysis, Journalism, Interview*

DOSSIÊ**Análise Qualitativa/CIAIQ 2017****Proponentes**Susana Oliveira e Sá
Ana Isabel Rodrigues
Jaime Ribeiro**INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto de pesquisas continuadas desenvolvidas no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia, na Universidade Federal de Goiás, e parte de inquietações das pesquisadoras Temer e Tuzzo (2017) em pesquisas sobre a entrevista como método de pesquisa qualitativa, numa leitura crítica das memórias dos jornalistas.

O objetivo é estudar os jornalistas como fonte de entrevistas e pesquisas, e não somente como interlocutores de um processo de construção da notícia. Entende-se que os jornalistas constituem fontes diferenciadas, uma vez que são produtores de narrativas jornalísticas que se configuram como informações de fatos que têm forte impacto na vida social, econômica e política. Considera-se também que o processo de seleção e elaboração dessas

narrativas pressupõe aspectos específicos da atividade jornalística, o que envolve desde elementos subjetivos na seleção do que será efetivamente publicado, até uma busca pela verdade e pela objetividade, além de tentativas de racionalizar motivos, ações e consequências de cada fato noticiado.

Evidentemente, consideram-se também as transformações do jornalismo na sociedade atual, na qual o factual tem dividido espaços com o opinativo, o que envolve reconhecer que, em muitos casos, o olhar do jornalista, sua vivência e sua emoção na elaboração dos fatos, envolve uma percepção de que é um elemento participante do desenvolvimento das ações, o que por sua vez conduz a uma visão seletiva dos acontecimentos. Dessa forma, entende-se que as investigações e as narrativas construídas pelos jornalistas se traduzem em textos jornalísticos que carregam não só o fato, mas o fato ressignificado, traduzido e interpretado.

Temer e Tuzzo (2014, p. 293) afirmam que

a comunicação não é apenas mais uma atividade humana, é atividade-ação que define sua humanidade, sendo essencial para o desenvolvimento da racionalidade e para a formação dos grupos sociais, das comunidades e sociedades.

Os processos de comunicação mediados não são feitos apenas pelas tecnologias; muito pelo contrário, são feitos para as pessoas e pelas pessoas. Nesse processo, entre vários profissionais, existem os jornalistas, que se configuram como um conjunto de produtores de conteúdos que possuem acesso a informações diferenciadas e, muitas vezes, privilegiadas, que desenvolvem suas atividades nos limites de uma ética rígida, mas que também estão sujeitos às condições de uma produção capitalista que envolve a comercialização da força de trabalho em busca de um constante aumento dos lucros (ou prestígio, o que pode resultar na mesma coisa) das empresas para as quais trabalham.

Uma vez que trabalham com informação, matéria-prima essencial para a produção jornalística, os jornalistas tendem a construir memórias diferenciadas sobre os fatos e acontecimentos, sendo eles mesmos fontes importantes para compreender processos históricos ou situações específicas.

Em função dessas características, os jornalistas são muitas vezes fontes importantes para o levantamento de dados, em uma técnica de pesquisa que se aproxima da sua história oral. No entanto, justamente por trabalharem com informação e atuarem como mediadores entre a informação e o público, os jornalistas tendem a visualizar suas recordações de formas diferenciadas. No entanto, como profissionais cujo trabalho é,

pelo menos parcialmente, ser um bom entrevistador, tendem a não ser bem entrevistados.

Nesse sentido, os profissionais de imprensa são fontes diferenciadas de informação, mas também indivíduos que lidam com a informação, disponibilizando e obliterando elementos a partir de interesses conflituosos. Para desenvolver suas atividades, os jornalistas são capacitados a classificar e organizar os fatos e a história de forma diferenciada dos seus receptores. Como consequência, acessar a memória desses profissionais e buscar sua colaboração por meio de entrevistas também implica buscar métodos especializados que possam fazer esses elementos trabalharem a favor da obtenção da informação, ao mesmo tempo driblando eventuais falhas, intencionais ou não, no conjunto de conteúdos resultantes desses contatos.

Assim, este trabalho busca responder a uma pergunta central: **as entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados?**

Nesse sentido, é necessário entender o jornalista em uma dupla relação: como indivíduo/cidadão que se equilibra entre os riscos e os privilégios da profissão, e também como profissional cuja defesa da cidadania e da democracia é condição essencial para o próprio trabalho.

O conceito de cidadania que será discutido neste trabalho é um dos elementos definidores dessa relação e, assim como a comunicação, é também um componente dinâmico. Dessa forma, pensar a relação dos jornalistas com a comunicação e a cidadania a partir de modelos estáticos é, ao mesmo tempo, insuficiente e inadequado. Com esse ponto de partida, portanto, pretende-se também refletir sobre aspectos e possibilidades que contribuam para uma compreensão dinâmica sobre a relação entre jornalismo e cidadania.

A questão central desta investigação dará embasamento para refletir sobre a validade da pesquisa, as metas a serem atingidas, a estrutura conceitual e a metodologia. A construção das pesquisas bibliográficas e de campo foi firmada em quatro aspectos, destacados em Tuzzo (2016): a definição do tipo de pesquisa; os instrumentos de recolha de dados; a definição do *corpus*; e os métodos de análise.

Fundamentação Teórica – jornalismo, história oral, cidadania e leitura crítica

O embasamento teórico sobre jornalismo firma-se em Temer (2014), que assevera que o jornalismo é uma atividade socialmente importante e institucionalizada a partir de compromissos e práticas específicas,

uma atividade que inclui não só um olhar sobre a lógica da notícia, mas também sobre a relação do jornalista com essa notícia, ao selecionar e formatar uma informação e, por consequência, passar a interferir na pauta de notícias.

O jornalismo encontra também respaldo em Marques de Melo (1991) e Bourdieu (1997), que estudam a inserção complexa do jornalismo na dinâmica social.

Os conceitos de lembrança, memória e história oral deste trabalho firmam-se em autores como Thompson (1988, p. 197), para quem:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

De fato, a pesquisa oral permite confrontar o entrevistado com os dados de outras fontes, solicitar explicações, acrescentar, detalhar. Como definição, a história oral “implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral”. (BOM MEIHY, 1996, p. 10).

Ainda segundo Bom Meihy (1996), a moderna história oral nasceu em 1947, na Universidade de Columbia (EUA), mas só ganhou impulso no Brasil depois da abertura política, em 1983. Seu objetivo é buscar na experiência dos indivíduos aspectos de sua vida sem deixar de lado um compromisso com o contexto social.

Bosi (1994) entende que a memória pode ser definida através das elaborações de Bergson (1959) e Halbwach (1956; 1964), pois:

a lembrança é a sobrevivência do passado que, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de *imagens-lembranças* [...] que se refere a uma situação definida, individualizada, a memória que se busca de forma consciente (BOSI, 1994, p. 49-53).

Os conceitos de cidadania se respaldam em Carvalho (2010) e Souza (2003), que apresentam a cidadania firmada em direitos civis, políticos e sociais.

Assim, o direito à informação também faz parte da construção da cidadania, por isso a relação entre a cidadania e o jornalismo, que encontra base em Temer (2016), ao afirmar que o acesso ao jornalismo, e ao conjunto das mídias em suas diversas opções de conteúdos, é uma necessidade para todos que querem participar de uma sociedade. Não por acaso, o jornalismo se associa e

se autoproclama como atividade fundamental para o exercício da cidadania no mundo contemporâneo e para a concretização dos direitos políticos individuais.

O conceito de leitura crítica da mídia fundamenta-se em Tuzzo (2016), ao dizer que quando pensamos em leitura crítica, estamos nos opondo à leitura mecânica, da coleta objetiva de dados, do olhar simples sobre as palavras e seus significados imediatos; da mera junção de conteúdos. A leitura crítica deve ser pensada em uma relação com a leitura social, firmada em cinco categorias: a compreensão, a interpretação, a reflexão, a crítica e a produção do texto dentro de um contexto social. A leitura crítica prevê uma interpretação da sociedade.

Temer (2014) corrobora ao explicar que a leitura/apreensão dos dados não deve ser vista como um ato automático de decodificação/indução/dedução, mas como um ato de autonomia e criticidade do investigador em relação àquilo que ele pesquisa. Para a autora, a decodificação da mensagem pode ocorrer de diferentes formas e com diferentes níveis de apreensão dos conteúdos.

Assim, desenvolver essa pesquisa na perspectiva da leitura crítica é entender que a comunicação só pode ser compreendida no contexto da realidade dos indivíduos que desenvolveram as ações, ou seja, a realidade só é real a partir dos registros sensíveis que se tem dela.

METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma possibilidade da entrevista com jornalistas como método de pesquisa, indicando uma análise crítica dessas entrevistas e situando-as em uma perspectiva comparativa com o material documental fornecido pelo próprio jornalista. Em termos práticos, trata-se de uma metodologia que confronta a memória dos jornalistas com dados obtidos por meio de pesquisa documental do próprio material jornalístico. Considerando os limites da própria memória humana, esse material forneceria um referencial mais objetivo dos dados citados nas entrevistas.

Como proposta de trabalho, parte-se do princípio de que a memória humana é, por assim dizer, “desorganizada”. Particularmente no caso dos jornalistas, que têm acesso a uma grande quantidade de informações, faz-se necessário “ancorar” essas memórias nas notícias publicadas no jornal. Considera-se também que o jornalista tem uma relação privilegiada/diferenciada com a memória, uma vez que, sendo impossível para o jornalista presenciar e/ou vivenciar no tempo real todas as notícias, via de regra o jornalista recorre (tão rapidamente quanto possível) à memória

das pessoas que viveram ou foram agentes dessa notícia, extraíndo deles os fatos e as interpretações.

As pesquisas qualitativas aqui desenvolvidas se firmam nos quatro eixos centrais de construção propostos por Tuzzo (2016) e que podem ser descritos como:

- 1) Definição do tipo de pesquisa – Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa de Campo; Pesquisa Etnográfica; Pesquisa Qualitativa, feita a partir de uma Leitura Crítica;
- 2) Recolha de dados – Entrevistas com jornalistas;
- 3) *Corpus* para construção da amostra – Jornalistas;
- 4) Métodos de análise – Análise do Discurso Crítica.

DEFINIÇÃO DO TIPO DE PESQUISA – PESQUISA BIBLIOGRÁFICA; PESQUISA DE CAMPO/EMPÍRICA; PESQUISA QUALITATIVA (SUBJETIVO/QUALITATIVO)

Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica deve ser contextualizada, e o pesquisador não pode somente reproduzir o que foi publicado, mas deve ir além, extraíndo dela novas abordagens e olhares para que haja um avanço. Por isso a leitura crítica também deve estar presente na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reconstruir e avançar. Minayo (2000) aponta três aspectos importantes na composição da pesquisa bibliográfica, quais sejam: a quantidade suficientemente ampla de material que permita várias visões sobre o assunto pesquisado; a realização de uma leitura crítica por parte do pesquisador; um caráter disciplinar e operacional que possa ordenar o estudo.

Para Tuzzo (2016, p. 140), "a pesquisa bibliográfica deve ser criteriosa em sua seleção de textos e autores, prudente com datas e locais de publicação, sedutora em inquietar o pesquisador". E a autora vai além, explicando que a pesquisa bibliográfica não é somente uma fase do projeto, mas o acompanha durante todo o tempo de produção. A leitura de livros, fontes de informação, deve ser constante, até porque, a cada nova descoberta na pesquisa de campo, novas necessidades de busca por fundamentações teóricas são necessárias. Assim, a pesquisa bibliográfica deve ser tarefa contínua durante toda investigação e produção dos resultados da busca. Ela é fundamental para saber como começar e imprescindível para pensar em uma reflexão de todo o processo.

Pesquisa de campo/empírica

As pesquisas empíricas caracterizam-se como método de ampliação do conhecimento a partir da prática. No campo, a prática poderá ajudar na transformação da teoria que, principalmente nas ciências sociais, não é estática. Há um fazer teórico que se faz na prática, e isso não é antagônico, é integração. A experiência não é menos científica que a teoria.

Marconi e Lakatos (2003, p. 186) afirmam que:

A pesquisa de campo ou empírica é utilizada para conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

O ambiente de pesquisa está na sociedade, e o coloquial é um grande laboratório onde as manifestações sociais podem ser analisadas sob a ótica da ciência, que se investiga e que mais se quer aprofundar. O olhar do pesquisador deve ser crítico, e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento. No caso deste trabalho, o fenômeno social é fundamental.

Pesquisa qualitativa (subjetivo/qualitativo)

O termo *pesquisa qualitativa* é definido por Godoy (1995) como aquela que envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Ela não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Minayo (2000) afirma que a pesquisa qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com os atores sociais envolvidos, pois ela destaca os sujeitos sociais que possuem as qualidades que o investigador pretende conhecer; avalia-os em número satisfatório para permitir uma certa reincidência das informações; não despreza, porém, informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta. Além disso, esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenha o conjunto de experiências e expressões que se pretende objetivar.

Pesquisa etnográfica

A pesquisa de campo fundamentada na metodologia etnográfica e de orientação crítica, cuja base é composta por entrevistas com jornalistas, define-se pela

elaboração de entrevistas semiestruturadas aplicadas a um modelo de entrevista em profundidade (sem limite de tempo definido), que, posteriormente deve ser analisada de forma qualitativa, a partir de uma leitura crítica. A observação e as entrevistas são direcionadas, mas não dirigidas, permitindo que o resultado evidencie a descrição do fenômeno de estudo (GUBER, 2001; CAIAFA, 2007).

O método do tipo etnográfico, ou etnografia da mídia, tem como base a ampla tradição desse modelo nos estudos sobre comunicação, mas se destaca também pela possibilidade de contato direto com os indivíduos a serem pesquisados e pelo domínio da ferramenta de entrevista, uma vez que se trata de uma ferramenta bastante utilizada no próprio exercício profissional do jornalismo. No entanto, no que se refere a entrevistas com jornalistas, destaca-se que o domínio da ferramenta se dá em ambos os lados, entrevistador e entrevistado, o que torna sua utilização mais complexa.

Dessa forma, os jornalistas devem ser compreendidos como atores sociais privilegiados e, portanto, têm uma visão diferenciada da realidade, mas também são sujeitos sociais inseridos em um contexto social, político e econômico sobre o qual não tem total controle, mas com o qual interagem, interferindo por meio de suas ações na própria complexidade desse contexto. Nessa situação, eles são ao mesmo tempo vítimas do contexto e agentes de sua manutenção/transformação, uma vez que interferem nessa realidade social.

RECOLHA DE DADOS – A ENTREVISTA COM JORNALISTAS COMO MÉTODO DE PESQUISA QUALITATIVA

A entrevista vem sendo utilizada como ferramenta e método de pesquisa há muitas décadas. As respostas obtidas por meio das entrevistas são mais objetivas que as obtidas em questionários, uma vez que os significados das palavras são esclarecidos durante a própria entrevista, o que minimiza as distorções nas respostas. Para os estudiosos da comunicação, a entrevista é um método tradicional e relevante, pois é, em si e *per se*, um processo comunicacional. O mérito da entrevista está justamente em permitir ao entrevistador a análise de critérios subjetivos, por meio de uma contínua reinterpretção da fala dos entrevistados.

Sousa (2006, p. 378) afirma que a principal vantagem da entrevista é:

a possibilidade de se obterem informações detalhadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições e comportamentos, entre outras características dos entrevistados.

Durante o processo de entrevista, o entrevistado participa de um processo de coconstrução do conhecimento, reformulando dados e interpretando-os ao mesmo tempo em que responde à questão proposta. Dessa forma, os dados coletados vão além da objetividade e são construídos na entrevista em função das reflexões do sujeito sobre o que lhe é perguntado.

Embora o mérito de construir dados durante o processo de apuração não seja exclusivo da entrevista, este método também tem o mérito de ser mais aberto e flexível, possibilitando a abertura a todo um conjunto de fenômenos passíveis de serem descritos pela experiência humana. Além disso, a entrevista, como ferramenta, é especialmente relevante, porque, no momento da entrevista, enquanto o pesquisador e o pesquisado estão em contato direto, em um processo de comunicação interpessoal, eles estão construindo também significados e conceitos que emergem e desvendam o fenômeno estudado, configurando novas zonas de interpretação de resultados.

Buer e Gaskell (2002) apresentam alguns tipos de entrevistas e analisam suas forças e fraquezas, indicando as situações em que cada uma delas deve ser utilizada para obter melhores resultados. Embora vários tipos de entrevistas possam ser utilizados nos estudos de comunicação, aspectos como praticidade e clareza nos resultados desejados fazem com que, nesta pesquisa, opte-se pelo uso de entrevistas estruturadas e semiestruturadas; ou seja, entrevistas realizadas a partir de um roteiro previamente definido (que deverá ser seguido pelo pesquisador) e entrevistas semiestruturadas, na qual o mesmo roteiro poderá ser acrescido de novas perguntas, a critério do entrevistador, quando o entrevistado apresentar dados relevantes que não estiverem previstos no roteiro original. Ou ainda, caberá ao entrevistador ter a sensibilidade de saber quando deve interromper o roteiro original para acrescentar novas questões e, esgotado esse aspecto novo, retornar ao roteiro inicialmente previsto.

Quanto à interpretação dos dados construídos durante as entrevistas, podemos considerar que os pesquisados representam uma visão do mundo única e peculiar, cuja análise deverá ser confrontada e enriquecida com os dados obtidos por meio das demais metodologias de pesquisa previstas neste artigo.

De uma perspectiva funcional-estrutural, a entrevista é uma geradora de novos conhecimentos, coconstruídos com os entrevistados e que permitem delinear em aspectos amplos seus interesses pessoais, sua capacidade interpretativa de ressignificação das mídias e sua inserção social.

CORPUS PARA CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

O jornalismo é uma atividade complexa em si mesma, pois envolve técnica e ética, em uma relação nem sempre equilibrada. Em função disso, os jornalistas tendem a estar imersos em contradições e complexidades, que envolvem seu *ethos*¹ profissional, e também as condições materiais dessa prática: ao mesmo tempo em que buscam a verdade factual – a verdade dos fatos – os jornalistas também almejam (ou acreditam possuir) uma visão ampla da sociedade e até mesmo uma capacidade de *prever* acontecimentos. Essa relação torna o jornalista um entrevistado difícil, em geral desconfiado das intenções de quem o entrevista, mas, sobretudo, com a tendência de se colocar no centro de fatos dos quais efetivamente não participou (mas que percebem afetados pelo jornalismo). Cabe ao pesquisador separar esses dois pontos, mas também fazê-lo sem *queimar a fonte* (jargão jornalístico que remete à ideia de inviabilizar o uso da fonte de informação). Dessa forma, para entrevistar jornalistas, é fundamental conquistar o seu respeito: o entrevistador deve estar bem informado sobre o tema da entrevista e sobre o contexto no qual ele se insere. Recomenda-se também uma formulação prévia de perguntas, a gravação das respostas e, sobretudo, uma percepção crítica do que está sendo perguntado que vá além do factual, buscando também aspectos conjunturais.

Além disso, o *corpus* deve considerar também aspectos comuns em outras pesquisas qualitativas, como variedade suficiente para abarcar diferentes possibilidades, e uniformidade para possibilitar a delimitação de padrões. No caso dos jornalistas, isso significa considerar as diferentes possibilidades de atuação do profissional, e particularmente, a qualidade do contato que ele mantém com as fontes de informação.

Justamente pela dificuldade que apresenta, entrevistar jornalistas não é um caminho seguido por muitos pesquisadores no Brasil, e mesmo na América Latina. Ainda assim, exemplos bem-sucedidos dessa dinâmica estão nos trabalhos de Travancas (1993), Temer (2002 e 1996) e Rezende e Kaplan (1994).

MÉTODOS DE ANÁLISE: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Sobre as entrevistas e a análise dos dados, entre o que é dito e o que é percebido, a opção pelo método

de Análise de Discurso Crítica encontra respaldo em Fairclough (2003), que utilizou a expressão “Análise de Discurso Crítica” pela primeira vez em um artigo publicado no *Journal of Pragmatics*, em 1985, firmado em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais.

Segundo Magalhães (2005), a análise de discurso crítica contribui para o debate de questões ligadas à ciência social crítica e à pesquisa crítica sobre a mudança social, tendo em vista que agimos discursivamente e também representamos discursivamente o mundo social à nossa volta. Esse método de análise caracteriza-se como importante forma de identificação da representação dos discursos quando buscamos responder à pergunta central deste trabalho: **As entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados?**

ELEMENTOS DETERMINANTES DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA

O jornalismo produz registros diários que têm como ponto de partida a informação em um sentido amplo, mas que, sendo marcada pela veracidade, pela regularidade e pelo compromisso com o interesse público, resulta também na construção de uma narrativa no sentido histórico. A base do jornalismo está na narrativa dos fatos², termo que pressupõe algo real, que existe ou resulta de ações, eventos ou acontecimentos que realmente aconteceram (JOHNSTON, 2004, p. 278)³. A partir desses princípios, os jornalistas tendem a pensar na sua atividade a partir dos princípios da Teoria do Espelho⁴. No entanto, é necessário separar a expressão *verdade* da veracidade dos fatos (conforme percebidos pelos jornalistas).

Segundo Otto Groth (2011), a totalidade jornalística – expressão que utiliza para citar os elementos que

2 O termo que deriva do latim *factum*, particípio do verbo *facere*, que significa *fazer*. mas seu uso se disseminou na Europa juntamente com a valorização da racionalidade científica (WOOTTON, 2017).

3 Fatos podem ser até objeto de interpretação ou deturpação quanto à sua origem e às suas consequências, mas existe *a priori*. São como asteroides que caem do céu: podemos interpretá-lo, adjetivá-lo ou explicá-lo, mas não podemos negar a sua existência (TEMER, 2017, p 115).

4 Já superada nos estudos acadêmicos, a **Teoria do Espelho** é a mais antiga das **teorias** do Jornalismo. Desenvolvida a partir dos anos 1850, coloca o jornalista como um mediador desinteressado, um observador isento, imparcial, que descreveria objetivamente os fatos. O jornalismo seria, portanto, um espelho da realidade.

1 Charaudeau e Mainguenu (2004, p. 220) consideram que o termo *ethos* tem raízes na retórica antiga, pois designa a imagem de si mesmo e do *locus* que o indivíduo ocupa com o objetivo de melhor exercer sua influência sobre seu receptor.

condicionam a produção do material jornalístico – é determinada por quatro aspectos: a atualidade, a difusão pública, a universalidade e a periodicidade. Interligados e somados, cada um desses aspectos tem um significado específico, não apenas dentro das atividades jornalísticas, e condicionam o próprio olhar do jornalista na tarefa de compreender, olhar e narrar a realidade social.

Embora esses elementos não devam ser hierarquizados, na visão dos próprios jornalistas a questão da atualidade é “o ponto de partida” que define a atividade. E quando falamos de atualidade falamos de notícias: [...] as americaníssimas *News of the day* constitui o ponto central da informação jornalística (SODRÉ, 1996, p. 131). Em termos gerais, a definição de notícia vai além da questão da atualidade, pois pressupõe também veracidade e interesse público. Stephens (1993, 30) entende que notícia é uma “nova informação a respeito de um assunto que possui algum interesse público e que é transmitida para uma porção deste público”. Em termos profissionais, ou a partir das rotinas de produção jornalística, a notícia não apenas congrega os elementos condicionantes do jornalismo propostos por Groth (2011), mas também o novo, algo que se destaca a partir do ineditismo do fato, que quebra expectativas, provoca a mudança ou alteração de uma situação. Para os jornalistas, portanto, a notícia é um marco temporal ou social, elemento que pontua/condiciona o “antes e o depois”.

Analisado esse ponto, a questão que se impõe é de que forma os jornalistas selecionam os fatos que ganharão existência pública como notícias; e aqueles que consideram menos importantes e, portanto, ficarão restritos às memórias individuais, sem serem publicados/publicizados. Nesse sentido, o trabalho jornalístico constituiu-se, em larga escala, em selecionar temas e conteúdos⁵, e também em dar ordem às informações, hierarquizando-as e classificando-as, não apenas a partir de uma presumida importância social, mas também a partir de temas e assuntos, em um processo que envolve a definição de gêneros (jornalísticos) que condicionam/direcionam a absorção e a interpretação dos leitores sobre o material publicado.

Uma vez que entendem a atividade profissional a partir do compromisso com a verdade e com o interesse público, os jornalistas utilizam uma série de critérios considerados como “valorativos”, os chamados critérios

de noticiabilidade (ou valores-notícia), um conjunto de atributos considerados necessários para que o fato adquira uma existência pública. De uma forma geral, são valores-notícia: a importância dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos, o impacto do fato sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve/envolveu, e a sua possível evolução para um fato mais grave.

Essa relação oblitera para os próprios jornalistas a atuação a partir de uma perspectiva prática dos acontecimentos. Uma vez que a produção jornalística exige periodicidade, regularidade ou frequência (intervalo de tempo), que separam as diferentes edições de um veículo; e uma vez que o fluxo de informações é instável ou está em constante mutação; a importância de um fato ou a sua noticiabilidade são sempre relativas. Embora os critérios sejam ativados de forma cumulativa, eles envolvem percepções subjetivas (como a quantidade de pessoas que podem ser afetadas por um fato), que são perpassadas também por conveniências, como acesso ou necessidade de utilização de algumas fontes, e até mesmo compromissos assumidos com elementos predefinidos. Além disso, a noticiabilidade de cada fato está sempre sujeita às condições de produção, avaliação e interpretação dos jornalistas (a importância de alguns temas tende a mudar com o tempo), estejam eles exercendo o papel de repórter, colhendo o fato no local onde ele acontece, na edição, ou até na direção do órgão de imprensa que produz essa notícia. Os jornalistas tendem, portanto, a ver a realidade social (e o seu percurso histórico) não só a partir dos recortes ou possibilidades oferecidos pelos fatos, mas também pelas condições de produção dos conteúdos.

Outro aspecto importante para compreender o discurso dos jornalistas é o seu *espírito de corpo*, formado a partir de uma convicção de que são detentores de um saber diferenciado, ou de uma forma racional de compreender o mundo que os diferencia dos espectadores comuns dos fatos. Esses sentidos permitem ao jornalismo se autolegitimar frente a sociedade como uma instituição nas democracias, e também como uma profissão, uma vez que divulga e põe em circulação informações e ideias consideradas importantes e necessárias para que o leitor-cidadão tome decisões de forma esclarecida.

A partir desses critérios, os jornalistas tendem a acompanhar e valorizar reciprocamente os conteúdos de outros veículos jornalísticos, elemento já destacado por Bourdieu (1997, p.32), que entende que “ninguém lê tantos jornais quanto os jornalistas”. Trata-se, aliás, de um processo que inclui tanto a busca pela prioridade na divulgação da informação, a busca da originalidade

5 Esse princípio é a base da teoria *Gatekeeper*, ou Seleccionador. O termo foi criado pelo psicólogo Kurt Lewin em 1947 e aplicado ao jornalismo em 1950 por David Manning, nos Estados Unidos. A base desta teoria envolve a percepção de que a produção da informação jornalística é um processo de escolhas no qual o fluxo de notícias tem que passar por diversos “gates” (portões) até a sua publicação.

(no jargão jornalístico, o “furo”), quanto a imitação dos conteúdos.

A partir desses elementos, parafraseando Weber (1972, p. 80-81), que nos diz que as empresas jornalísticas não podem ser compreendidas “simplesmente como empresas capitalistas com a ânsia do lucro, mas também organizações políticas que funcionam como clubes políticos”, os jornalistas não devem ser entendidos apenas como profissionais técnicos capazes de selecionar e formatar informações; devem antes ser entendidos como indivíduos políticos que funcionam a partir de uma visão de mundo diferenciada, que valoriza a atividade a partir de sua dimensão política e social.

Ao dar acesso à informação, ao tentar expor o mundo a partir do seu olhar particular, os jornalistas fazem uma ponte entre o mundo diante de si e o mundo pelo olhar das outras pessoas. Tendo como ponto de partida a percepção de que o jornalista se sente um mediador de tudo que é digno de saber do mundo, as entrevistas com jornalistas exigem relativizar como eles visualizam a si mesmos e sua atividade profissional, e como eles percebem sua inserção na complexidade das relações de poder na sociedade contemporânea.

ANÁLISE E RESULTADOS

Podemos compreender que o jornalista tem uma visão de mundo diferenciada das demais pessoas: de uma forma geral, o jornalista está consciente disso e, constantemente, questiona o seu papel social, a importância da profissão e da sua força de transformação social.

[...] Eles (os jornalistas) se sentem como elementos essenciais e de muita responsabilidade dentro de uma sociedade. [...] Muitos entrevistados afirmam que um dos fatores que os levou a escolher esta profissão é o poder de transformação da sociedade, de denúncia, de crítica (TRAVANCAS, 1993, p. 98).

Contudo, se por um lado o jornalista ambiciona mudar a sociedade, a experiência profissional em geral conduz a percepção de que o propalado poder da imprensa (quarto poder?) pertence ao jornal ou órgão de imprensa no qual trabalha, e não ao profissional da imprensa. Essa compreensão leva a uma percepção mais acentuada das relações de convivência entre as Empresas, o Estado e outras instituições. Assim, os jornalistas tendem a perceber que embora possuam uma relação com o poder, são limitados na sua capacidade de transformação social. Ou, de forma mais ampla, que as relações de poder fogem ao seu controle, mas afetam sua atividade profissional. Nesse sentido, o jornalista tende

a assumir uma postura sempre crítica em relação à sociedade e às instituições.

Outro aspecto específico diz respeito à relação dos jornalistas com as informações. Citando um jargão profissional de que más notícias são boas notícias⁶, os jornalistas tendem a valorizar os aspectos negativos das informações, e até mesmo procurar por elas, mesmo em situações aparentemente neutras. Uma vez que a atividade profissional gera a necessidade de comprovar as informações obtidas, os jornalistas tendem a assumir uma atitude de permanente desconfiança. Essa relação empurra os jornalistas para um certo pessimismo, ou um cinismo crônico em relação a ações positivas ou mudanças, e também faz com que eles sejam entrevistados relutantes, e, em muitos casos, desconfiados das intenções do entrevistador. Evidentemente, ambos os aspectos interferem na qualidade das respostas, exigindo do entrevistador paciência e esforço interpretativo posterior.

A somatória desses aspectos claramente aponta que o jornalista tem uma percepção de mundo diferenciada, fortemente influenciada pelas condições reais e subjetivas de sua atividade profissional. Travancas (1993), trabalhando com depoimentos de jornalistas, a quem se refere como *informantes*, cita:

Há profissões que determinam uma postura muito particular diante delas e a vida, e acredito que o jornalismo seja uma dessas profissões. Ele é mais do que simplesmente uma fonte de sustento de seus membros. Atingiu um patamar tal em suas vidas que essas pessoas não se veem mais na sociedade senão pelo papel profissional. (TRAVANCAS, 1993, p. 98).

No entanto, é importante acrescentar que essa visão de mundo diferenciada do jornalista não é uma visão *real* do mundo. Certamente, o mundo que em vivemos não é (ou não é apenas) o mundo das grandes tragédias, das informações secretas, o mundo das manchetes. Esse ponto deve ser analisado com cuidado, pois certamente a visão histórica dos jornalistas será influenciada por esses aspectos.

Mais do que considerar que as características centrais do jornalismo são definidas em função do próprio processo de exercício do jornalismo, o próprio jornalista é contaminado pela força desse processo.

É digno de nota que, entre os jargões jornalísticos, alguns já citados neste texto, também prevaleça a percepção de que a atividade profissional do jornalista

6 No original, *Bad News/Good News*, a frase remete à ideia de que más notícias são boas para os jornalistas, pois têm maior impacto junto ao público e aumentam as audiências/vendem mais jornais.

tem hora para começar, não tem para terminar, e que não sejam raros os profissionais de imprensa que afirmam que são *jornalistas 24 horas por dia*.

CONCLUSÕES

Um dos elementos principais do jornalismo é o profissional do jornalismo, o jornalista, aquele que realiza a tarefa de procurar a notícia, quem descobre, apura, escreve e divulga, quem escuta e vê, e reformata o material a partir de uma formação ética, voltada para a defesa da cidadania (AMARAL, 1978). Dessa forma, a informação jornalística vai além da formatação técnica: seu valor/importância se fundamenta na respeitabilidade atribuída à atividade. Essa relação, por sua vez, gera códigos de ética e delimita a sua atuação profissional.

Em função dessas características, os jornalistas são muitas vezes fontes importantes para levantamento, em uma técnica de pesquisa que se aproxima da sua história oral. No entanto, justamente por trabalharem com a informação e atuarem como mediadores entre a informação e o público, os jornalistas tendem a visualizar suas recordações de forma diferenciada: suas memórias dizem respeito também a fatos que são exteriores a eles – situações que não presenciaram ou que não viveram diretamente, mas que pontuaram suas vidas como marcos de recordação importantes, ou mesmo como situações que os afetaram em um nível muito próximo.

Além disso, enquanto grupo cujo trabalho é, pelo menos parcialmente, ser um bom entrevistador, os jornalistas tendem a não ser bem entrevistado, a terem pouco respeito por aqueles que os entrevistam. Mesmo quando conquistados pelo entrevistador, os jornalistas têm a passar uma visão dos fatos condicionada pelos limites impostos pelas necessidades empresariais de produção de conteúdos, que são (graciosamente) obliteradas nos relatos.

Nesse sentido, também é necessário entender o jornalista em uma dupla relação: como indivíduo/cidadão que se equilibra entre os riscos e os privilégios da profissão, mas também como profissional cuja defesa da cidadania e da democracia é condição essencial para o próprio trabalho.

No que diz respeito a aspectos práticos, sempre considerando que os jornalistas não são entrevistados particularmente colaborativos, as entrevistas devem ser sempre gravadas e apoiadas com anotações que permitam registrar comportamentos, ambientes e números, em caso de algum entrevistado trazer dados ou documentos únicos. De forma indireta, também devem ser considerados os elementos subjetivos do texto

(assuntos que foram evitados, constrangimentos e elementos que foram colocados de forma indireta), bem como a linguagem corporal dos entrevistados e outros aspectos julgados pertinentes.

Importante também detectar e analisar quais são as motivações para continuar atuando na profissão, incluindo desde técnicas de improvisação/sobrevivência, até a intenção de defender a cidadania, buscando entender como os jornalistas selecionam a informação que deve (ou não) ser publicada. O olhar diferenciado deste trabalho está em destacar que não se trata apenas de um trabalho de história oral, porque a memória do jornalista não diz respeito à sua vida, mas aos fatos que ele relata. Sua função é de um mediador das informações, pois ele é um leitor crítico do que viu e ouviu, colocando, dessa forma, o próprio princípio de leitura crítica no fazer diário de seu trabalho.

Essa leitura crítica do jornalista é feita a partir do valor-notícia (dos critérios de noticiabilidade), da formação ética, da visão da notícia e da verdade como algo factual. Além disso, incluem-se a identificação pessoal, o jornalismo investigativo e o papel do pesquisador/investigador/jornalista. O ideal de um jornalismo investigativo faz parte do ideal do jornalismo, e isso o contamina, e ele assim se sente.

Por tudo isso, podemos concluir que, sim, **as entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados**. Ressalva-se, no entanto, a necessidade de se observarem as condições específicas de acesso a esses dados e o tratamento também específico que deve ser dado a essa análise.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **Oeuvres**. Paris: PUF, 1959.
- BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BOSI, E. **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **Sobre televisão**. Seguido de A influência do jornalismo e Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAIAFA, J. **A pesquisa etnográfica: aventura das cidades, ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CARVALHO, J. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- GODOY, A. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, 1995.
- GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. São Paulo: Vozes, 2011.
- GUBER, R. **La etnografía, método campo y reflexividad**. Bogotá, Colombia: Norema, 2001.
- HALBWALCH, M. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1956.
- _____. **La topografie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris: PUF, 1964.
- JOHNSTON, D. K. **The natural history of fact**. Australasian Journal of Philosophy, vol. 822, p. 275-291, 2004.
- MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **Delta**, 21 (especial), 2005.
- MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MELO, J. M. de. Indústria Cultural, jornalismo e jornalistas. **Intercom – Revista Brasileira de Comunicação**. Ano XIV, n. 65, jul./dez., 1991.
- MILÊNIO: David Wootton discute em livro a visão peculiar de Trump sobre fatos e verdades. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globonews/milenio/videos/t/milenio/v/milenio-david-wootton-discute-em-livro-a-visao-peculiar-de-trump-sobre-fatos-e-verdades/5983685/>>. Acesso em: 09 jul. 2017.
- MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2000.
- REZENDE, S.; KAPLAN, S. (Org.). **Jornalismo Eletrônico ao Vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SOUSA, J. A prática antes da teoria e o foco no objetivo: uma proposta para o ensino universitário de jornalismo. Moreira, S.; Vieira, J. (Org.). **Ensino e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Intercom/UERJ.
- _____. **A Construção Social da Subcidadania: para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.
- STEPHENS, M. **História das comunicações – do tantã ao satélite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- TEMER, A. **Colhendo notícias, plantando imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo**. São Bernardo do Campo: UMESP (Dissertação).
- _____. **Flertando com o caos: comunicação, jornalismo e televisão**. Goiânia: FIC/UFG, 2014.
- _____. Apresentação. In: TUZZO, Simone Antoniaci. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica/UFG, 2016.
- _____. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.
- TEMER, A.; TUZZO, S. (2014). Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da relação entre a comunicação e a cidadania – Volume 2. **Anais: XI LUSOCOM, Universidade de Vigo – Campus de Pontevedra – Galícia – Espanha**. 2014. Disponível em: <<http://www.lusocom.info/pt/livro/113>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- _____. A entrevista como método de pesquisa qualitativa: uma leitura crítica das memórias dos jornalistas. **Atas**. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Volume 3. 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ2017). Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1418>>. p. 449-458. Acesso em: 16 out 2017.
- THOMPSON, P. **A voz do passado – história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- TRAVANCAS, Isabel S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.
- TUZZO, S. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica/UFG, 2016.
- WEBER, M. O conceito de casta. In: IANNI, Octávio. (Org.) **Teorias da estratificação social: leituras de sociologia**. São Paulo: Editora Nacional, 1972. p. 136-163.

CURRÍCULOS

*Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Mídia e Cidadania. Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2001). Pós-doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diretora Regional Centro-Oeste da Intercom. Coordenadora do Grupo Temático Estudos sobre periodismo da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación – ALAIC. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: Teorias da Co-

municação, Televisão, Telejornalismo, e Gêneros Jornalísticos. Líder do Grupo de Pesquisa Televisão e Cidadania da UFG. Autora dos livros *Para Entender as Teorias da Comunicação e a Televisão em busca da Interatividade*.

** Pós-doutora (2014) e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003); Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1997); Graduada em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo (1988). É Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação PPGCOM – Mestrado em Comunicação na linha de mídia e cidadania e Professora Associada da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG – Universidade Federal de Goiás, lecionando no Curso de Relações Públicas. Tem sólida experiência na área de Comunicação em funções Acadêmicas e Administrativas, com ênfase em Assessoria de Comunicação para instituições públicas e privadas. Profissional capacitada a exercer atividades de cerimonial e organização de eventos. No âmbito Acadêmico, trabalha principalmente com os seguintes temas: comunicação, relações públicas, organizações públicas e privadas, opinião pública, formação de imagem para profissionais liberais e cidadania. Palestrante em eventos sobre diversos temas na área de comunicação, como leitura crítica da mídia, formação da opinião pública, comunicação e educação, mídia, imagem e cidadania. Líder dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPQ com os títulos Bases Epistemológicas da Leitura Crítica da Mídia; e Mídia, Imagem e Cidadania. Responsável pelo Projeto de Pesquisa *Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia*; Projeto *Casadinho Procad UFG – UFRJ*. É autora e organizadora de Livros na área da comunicação, com destaque para: *Os sentidos do impresso*; *Deslumbramento Coletivo – Opinião Pública, Mídia e Universidade*; *Célebre Sociedade*; *Comunidade, Mídia e Cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje*; *Mulheres do sol e da lua*; e *Comunidade, Mídia e Cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje*. Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia – LLCM – UFG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9401-6510> Site: <https://www.simonetuzzo.com/>